ISSN: 1519-7816
https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco

DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO E CARTOGRAFIA SOCIAL: caminhos para a gestão territorial Quilombola na Serra do Evaristo, Baturité-CE

Regina Balbino da Silva[1]
Mariana Amâncio de Sousa Moraes[2]
Adryane Gorayeb[3]
Jader de Oliveira Santos[4]

BALBINO, Regina da Silva; MORAES, Mariana Amâncio de Sousa; GORAYEB, Adryane; SANTOS, Jader de Oliveira. Diagnóstico Participativo e Cartografia Social: : Caminhos para a Gestão Territorial Quilombola na Serra do Evaristo, Baturité-CE. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 28, n. 1, p. 176–190, 2026. DOI: https://doi.org/10.70261/er.v28i1.75234. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/75234.

Esta obra está licenciada com uma Licença CC BY 4.0 . Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Recebido: 05/03/2026 | **Aceito:** 09/03/2026 | **Publicado**: 17/03/2026

Resumo: Este artigo discute a aplicação do Diagnóstico Participativo e da Cartografia Social (DPCS) como instrumentos de inclusão social e valorização dos saberes tradicionais no Zoneamento Ecológico-Econômico da região do Maciço de Baturité (ZEEM), no Ceará. O estudo possui como recorte espacial o território da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, e busca evidenciar a importância da integração entre metodologias participativas e processos formais de ordenamento territorial. A problemática reside na invisibilização histórica das comunidades tradicionais nos planejamentos oficiais, o que justifica a adoção de abordagens que reconheçam as dinâmicas socioterritoriais locais. As metodologias propostas nas oficinas participativas foram o mapeamento social, a matriz SWOT e a construção de prognósticos comunitários, precedidas de revisão bibliográfica e articulação com lideranças locais. Os resultados revelam uma comunidade com forte coesão cultural, práticas agrícolas sustentáveis, protagonismo educacional e organização social consolidados, mas que enfrenta fragilidades relacionadas à infraestrutura, preservação ambiental e atuação do poder público. A Cartografia Social, nesse contexto, demonstrou ser uma ferramenta eficaz para a produção de conhecimento territorial crítico e para a valorização das vozes comunitárias. Conclui-se que a inserção desses dados no ZEEM contribui para a formulação de políticas públicas mais justas, representativas e sensíveis à realidade dos povos tradicionais.

Palavras-chave: Mapeamento participativo. Metodologias participativas. Planejamento. Zoneamento ecológico-econômico. Comunidade quilombola.

PARTICIPATORY DIAGNOSIS AND SOCIAL MAPPING: pathways for territorial management in Serra do Evaristo, Baturité-CE

[1]Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Ceará, Brasil, E-mail: reginabalbino2011@gmail.com
[2]Bolsista de Inovação Tecnológica do Programa Cientista-Chefe Meio Ambiente Fortaleza, Ceará, Brasil, E-mail: mariana.amancio2901@gmail.com
[3]Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Ceará, Brasil, E-mail: adryanegorayeb@gmail.com
[4]Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Ceará, Brasil, E-mail: jader.santos@gmail.com

CC BY

Abstract: This article discusses the application of Participatory Diagnosis and Social Mapping (PDSM) as tools for social inclusion and the appreciation of traditional knowledge in the Ecological-Economic Zoning of the Maciço de Baturité region (ZEEM), in the state of Ceará, Brazil. The study focuses on the territory of the Quilombola Community of Serra do Evaristo and seeks to highlight the importance of integrating participatory methodologies with formal territorial planning processes. The core issue lies in the historical invisibility of traditional communities in official planning, which justifies the adoption of approaches that acknowledge local socio-territorial dynamics. The participatory workshop methodologies included collective mapping, the SWOT matrix, and the development of community-based prognoses, preceded by a literature review and engagement with local leadership. The results reveal a community with strong cultural cohesion, sustainable agricultural practices, educational leadership, and consolidated social organization, yet facing challenges related to infrastructure, environmental preservation, and the role of public authorities. In this context, Social Mapping has proven to be an effective tool for incorporating local perspectives into territorial governance, promoting the recognition of traditional ways of life and fostering more inclusive planning processes.

Keywords: Participatory mapping. Participatory methodologies. Planning. Ecological-economic zoning.

1. Introdução

A gestão territorial, em distintos contextos, tem demandado a adoção de metodologias orientadas para a ampliação da inclusão social, com respeito aos saberes tradicionais e incentivo à participação ativa das comunidades. No âmbito do estado do Ceará, destaca-se, na região do Maciço de Baturité (CE), o processo de elaboração do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEEM), zoneamento que vem sendo realizado desde 2022 pela Secretaria de Meio Ambiente e Mudança do Clima do Ceará (SEMA), e que incorporou a Cartografia Social como ferramenta relevante para a realização do Diagnóstico Participativo junto aos povos tradicionais e originários, tendo como enfoque, neste artigo, a Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, localizada no município de Baturité-CE.

Cabe ressaltar que o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) é um instrumento essencial da Política Nacional do Meio Ambiente, conforme estabelecido no inciso II do artigo 9º da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e regulamentado pelo Decreto Federal nº 4.297, de 14 de julho de 2002 (BRASIL, 1981; 2002). Em termos práticos, o ZEE é uma ferramenta de ordenamento territorial que busca promover o desenvolvimento sustentável, integrando o crescimento socioeconômico com a conservação ambiental. Nesse contexto, este estudo apresenta como uma proposta de integração das perspectivas locais no fortalecimento da governança territorial e favorecer tanto a promoção de direitos quanto o reconhecimento de práticas socioculturais específicas.

CC BY

A Cartografia Social possibilita visualizar os territórios a partir das práticas, memórias e percepções das comunidades, propiciando não apenas a produção de informações qualificadas para o planejamento, mas também a mobilização e empoderamento comunitário. O objetivo deste artigo é discutir o uso da Cartografia Social no Diagnóstico Participativo e Cartografia Social (DPCS) da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, detalhando sua metodologia, apresentando resultados e refletindo sobre suas contribuições para a gestão territorial participativa.

A aplicação da Cartografia Social no ZEEM evidencia seu potencial como ferramenta participativa, ao possibilitar a inserção de populações diretamente afetadas nas ações de ordenamento territorial em âmbito estadual. Tal abordagem buscou documentar as diversas formas de uso e ocupação do território pelas comunidades originárias e tradicionais da região, ressaltando a importância dos conhecimentos locais, bem como valorizando a história, a cultura e as percepções territoriais de seus habitantes.

Dito isto, este artigo tem como intuito sistematizar as vivências e contribuições do povo quilombola da Serra do Evaristo, do Maciço de Baturité, apresentando uma síntese dessas narrativas territoriais. Os tópicos, a seguir, apresentam a descrição das metodologias participativas utilizadas para a elaboração desta pesquisa, a construção dos mapas sociais e da matriz SWOT, além dos procedimentos técnicos adotados e seus referenciais teóricos. Por fim, são expostos os principais resultados obtidos e as considerações finais, com vistas a registrar as especificidades do povo quilombola da Serra do Evaristo.

2. Metodologia

A elaboração do Diagnóstico Participativo com Cartografia Social (DPCS) foi realizada junto às comunidades previamente contactadas para a realização das oficinas, que foram conduzidas a partir de atividades de pesquisa de campo, reuniões com associações locais e nos objetivos gerais definidos para a Cartografia Social do ZEEM. O planejamento das ações, orientado por uma perspectiva de inclusão social, revelou-se fundamental para a construção de um zoneamento territorial mais representativo e sensível às dinâmicas socioculturais locais.

Nesse contexto, o mapa social foi desenvolvido pelos próprios participantes durante as oficinas, a partir do exercício de mapeamento coletivo, da aplicação da matriz SWOT — traduzida como F.O.F.A (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) — e da formulação de prognósticos propositivos. Tais instrumentos permitiram a coleta de dados qualitativos e

CC BY

quantitativos relacionados às experiências cotidianas, aos desafios e às aspirações da comunidade.

A primeira etapa adotada correspondeu à realização de uma revisão bibliográfica, com o objetivo de reunir e analisar estudos anteriores, documentos técnicos, produções acadêmicas e demais registros históricos relacionados ao território do Maciço de Baturité, às comunidades tradicionais e originárias ali presentes e às metodologias participativas aplicadas em contextos semelhantes. Essa etapa foi essencial para fundamentar teoricamente a proposta, identificar experiências prévias relevantes e orientar o delineamento das ações de campo, garantindo maior consistência ao processo de planejamento do DPCS. A segunda etapa envolveu o contato direto com as comunidades, com especial atenção à identificação de lideranças locais, cuja atuação foi essencial na mobilização dos participantes e na compreensão do contexto socioterritorial. Essa aproximação inicial possibilitou identificar demandas específicas e adaptar a metodologia às realidades locais.

A terceira etapa — considerada central no processo — corresponde à realização das oficinas de Cartografia Social nos próprios territórios das comunidades. A participação ativa dos moradores foi imprescindível para o intercâmbio de saberes, compartilhamento de informações e esclarecimento de dúvidas por parte da equipe facilitadora. Após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os objetivos e métodos da Cartografia Social foram apresentados. Os participantes foram convidados a colaborar tanto na construção do mapa social quanto no preenchimento da matriz SWOT, sendo incentivados a integrar ambas as atividades para otimizar o tempo, aprofundar as discussões e ampliar o escopo das informações coletadas.

A quarta etapa compreendeu o processamento dos dados, a padronização das informações cartográficas e a produção das versões preliminares dos mapas sociais. Nesta fase, foi essencial o cuidado da equipe técnica com a fidelidade das informações, bem como o compromisso com a transparência e a imparcialidade no tratamento dos dados.

A quinta e última etapa consistiu na validação dos mapas junto às comunidades participantes, permitindo a correção de eventuais inconsistências, ajustes de geolocalização e complementação de informações. Essa validação foi crucial para garantir que os produtos finais refletissem, de forma legítima e consensual, a percepção das comunidades sobre seus territórios.

Resultado e discussão

CC BY

A adoção de metodologias participativas tem se mostrado particularmente promissoras na construção de diagnósticos territoriais em colaboração com grupos sociais historicamente marginalizados. Tais abordagens permitem que os sujeitos envolvidos contribuam ativamente com suas experiências e percepções, promovendo processos de empoderamento que conferem maior legitimidade e autonomia aos resultados alcançados (Gohn, 2004). Nesse sentido, a Cartografia Social (CS) configura-se como uma ferramenta analítica relevante, sobretudo em contextos de disputa territorial, ao possibilitar a visualização e interpretação dos usos e sentidos atribuídos ao espaço por populações tradicionais e originárias (Gorayeb; Meireles; Silva, 2015).

Segundo Pickles (1999), a Cartografia Social favorece a constituição de identidades socioespaciais e o desenvolvimento de um senso crítico por parte dos participantes ao longo do processo de elaboração dos mapas. A construção desses produtos cartográficos, contudo, não pode prescindir de uma sólida fundamentação teórica. Nesse aspecto, a consideração de estudos prévios e publicações científicas são fundamentais, pois fornecem subsídios técnicos e metodológicos que orientam a caracterização do território (Sanchez, 2013). A presente pesquisa dialoga com os Fascículos da Nova Cartografia Social da Amazônia (Almeida *et al*., 2019), cuja proposta metodológica se estrutura na escuta ativa das comunidades e na exposição direta de suas perspectivas, com intervenções mínimas por parte dos pesquisadores.

É importante reconhecer que os conflitos em torno do uso e da apropriação do território são recorrentes e frequentemente orientam as estratégias de planejamento territorial. Em resposta a esse cenário, o envolvimento comunitário tem sido incorporado às políticas públicas como um mecanismo para mitigar disputas e ampliar a legitimidade das decisões (Flannery *et al.*, 2018). No entanto, ainda predominam processos participativos conduzidos de forma hierárquica (*top-down*), muitas vezes restritos às etapas finais da tomada de decisão. Para enfrentar esse desafio, Hindmarsh (2010) propõe a adoção de abordagens colaborativas que priorizem o engajamento efetivo das comunidades desde as fases iniciais do planejamento.

Diversos autores vêm destacando o papel estratégico do conhecimento local na produção de análises territoriais mais contextualizadas. Por sua vez, Xavier, Gorayeb e Brannstrom (2020) argumentam que a inclusão das experiências e saberes locais pode aprimorar a qualidade do planejamento, desde que apoiada por instrumentos metodológicos adequados. A esse respeito, Joliveau (2008) observa que o uso de técnicas participativas permite a incorporação de informações que, de outra forma, poderiam permanecer invisibilizadas.

A integração entre conhecimento científico e saberes populares tem se mostrado uma

CC BY

estratégia eficaz para subsidiar processos decisórios de maneira mais democrática e transparente. Estudos recentes reforçam que a combinação de métodos participativos, gestão territorial e comunicação contribui para ampliar o alcance da informação, deslocando-a de espaços técnicos fechados para arenas mais acessíveis e plurais. Para tanto, a identificação dos atores sociais envolvidos, a escuta de suas demandas e o reconhecimento de seus interesses são etapas centrais para viabilizar sua inserção efetiva nas estratégias de desenvolvimento territorial (Gonyo *et al.*, 2021; Gillgren *et al*., 2019).

Embora atividades participativas sejam cada vez mais incorporadas a iniciativas públicas, seu êxito na construção de planejamentos verdadeiramente colaborativos depende da forma como são implementadas (Innes; Booher, 2004). Conforme aponta Hayashi *et al.* (2014), a construção de um conhecimento engajado requer metodologias comunicativas e participativas, além do uso adequado de geotecnologias e sistemas de informação. No entanto, Gregolin *et al.* (2008) alertam que os interesses institucionais podem interferir negativamente na articulação entre ciência, tecnologia e sociedade. Dessa forma, é essencial desenvolver estratégias capazes de garantir a participação equitativa de diferentes grupos sociais na formulação de políticas públicas e na produção de inovações sociais (Hayashi, 2014).

No campo da gestão territorial, os diagnósticos participativos vêm sendo amplamente utilizados como instrumentos de coleta e organização de informações socioeconômicas e ambientais (Meireles; Gorayeb, 2014). Quando articulados à Cartografia Social, esses instrumentos fortalecem a capacidade analítica das comunidades, ao passo que promovem o reconhecimento de suas demandas, saberes e práticas territoriais. Trata-se, portanto, de um processo metodológico que não apenas coleta dados, mas contribui para a construção coletiva de caminhos de transformação social.

3.1 A cartografia social da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo

As oficinas de Cartografia Social vinculadas ZEEM foram realizadas em duas etapas: a primeira entre os meses de junho e agosto de 2022, com foco no levantamento primário de dados, e a segunda em maio de 2024, voltada à validação das informações previamente construídas. As datas das atividades foram definidas em articulação com as lideranças comunitárias, visando maximizar a participação popular e garantir representatividade social.

A divulgação das oficinas foi realizada de maneira colaborativa, com o apoio de lideranças locais, jovens atuantes nas comunidades e guardiões da memória, da tradição e da

CC BY

cultura. A mobilização comunitária envolveu a produção e circulação de materiais informativos.

3.1.1 Territorialidades Quilombolas no Maciço de Baturité: saberes tradicionais e projetos de futuro

Com base nos aportes históricos e nas atividades de campo desenvolvidas, foram identificados elementos centrais à subsistência e ao modo de vida desse grupo, com destaque para práticas como a agricultura familiar, a criação de pequenos animais, o extrativismo vegetal (incluindo o uso de plantas medicinais e a produção artesanal), além de expressões culturais como o artesanato, a gastronomia, a música, a dança, a religiosidade e a realização de festas. A prestação de serviços voltados ao comércio e ao turismo também figura como atividade relevante.

No caso das comunidades quilombolas, observam-se históricos marcados por invisibilidade e lutas constantes pelo reconhecimento territorial e pelos direitos básicos. Conforme Silva *et al.* (2016), a repressão tem sido uma constante na trajetória dessas comunidades. Um marco importante na organização e fortalecimento da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo ocorreu na década de 1980, impulsionado pela atuação da Obra Kolping, organização não governamental que atua no Ceará desde 1986 com projetos voltados à promoção social e ao fortalecimento comunitário (Braga, 2021). Foi nesse período que a mobilização local ganhou força, especialmente diante da reivindicação dos direitos previstos na Lei nº 4.887/2003, que regulamenta o processo de identificação, reconhecimento, demarcação e titulação dos territórios quilombolas (Chermont, 2013).

Localizada no município de Baturité, a Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo (Figura 1) abriga cerca de 140 famílias, totalizando aproximadamente 800 moradores (Braga, 2021). As terras são tradicionalmente repassadas por herança, o que reforça o caráter ancestral e cultural do território. O processo de reconhecimento oficial como comunidade quilombola foi iniciado em 2007, por meio da Fundação Cultural Palmares, com homologação em 2010. A solicitação de titulação fundiária foi realizada em 2014, mas, até o momento de elaboração deste artigo, o processo ainda não tinha sido concluído.

Figura 1: Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo

CC BY



Fonte: Imagem de drone capturada em sobrevoo no dia 06/08/2022. Autoria própria.

Dentre as atividades econômicas da comunidade, destaca-se a produção contínua de bananas, com comercialização concentrada no entreposto do Ceasa, localizado no município de Maracanaú na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). A logística de transporte é organizada por meio do caminhão da Associação Comunitária CKQEvaristo, o que garante eficiência na distribuição. Agricultores com menor volume de produção, por sua vez, realizam vendas diretas a outros produtores que dispõem de meios de transporte.

Um elemento de relevância territorial é a Fazenda Manos Kolping, situada nos limites entre os municípios de Baturité, Aracoiaba e Capistrano. Nesse espaço, que pertence à Associação CKQEvaristo e foi adquirido com apoio das organizações Obra Kolping e Manos Unidas, são desenvolvidas atividades agrícolas coletivas e residem algumas famílias da comunidade. A fazenda representa um importante vetor de fortalecimento das práticas comunitárias e da autonomia produtiva, articulando território, memória e organização social.

A oficina de Cartografia Social realizada em 06 de agosto de 2022, no Ponto de Cultura Quilombola da Serra do Evaristo, teve início com a apresentação dos propósitos do ZEEM. Na sequência, foi exposta a proposta metodológica da Cartografia Social, destacando-se sua relevância no âmbito do ZEEM como ferramenta agregadora das percepções sociais e territoriais dos povos originários e comunidades tradicionais da região.

A construção do mapa social e a elaboração da matriz SWOT ocorreram de maneira simultânea, com orientação para que os participantes se revezaram entre as atividades. Essa estratégia metodológica permitiu a produção de um diagnóstico rico e representativo, traduzido tanto nos quadros analíticos quanto no mapa coletivo elaborado, expressando a realidade vivenciada pela comunidade.

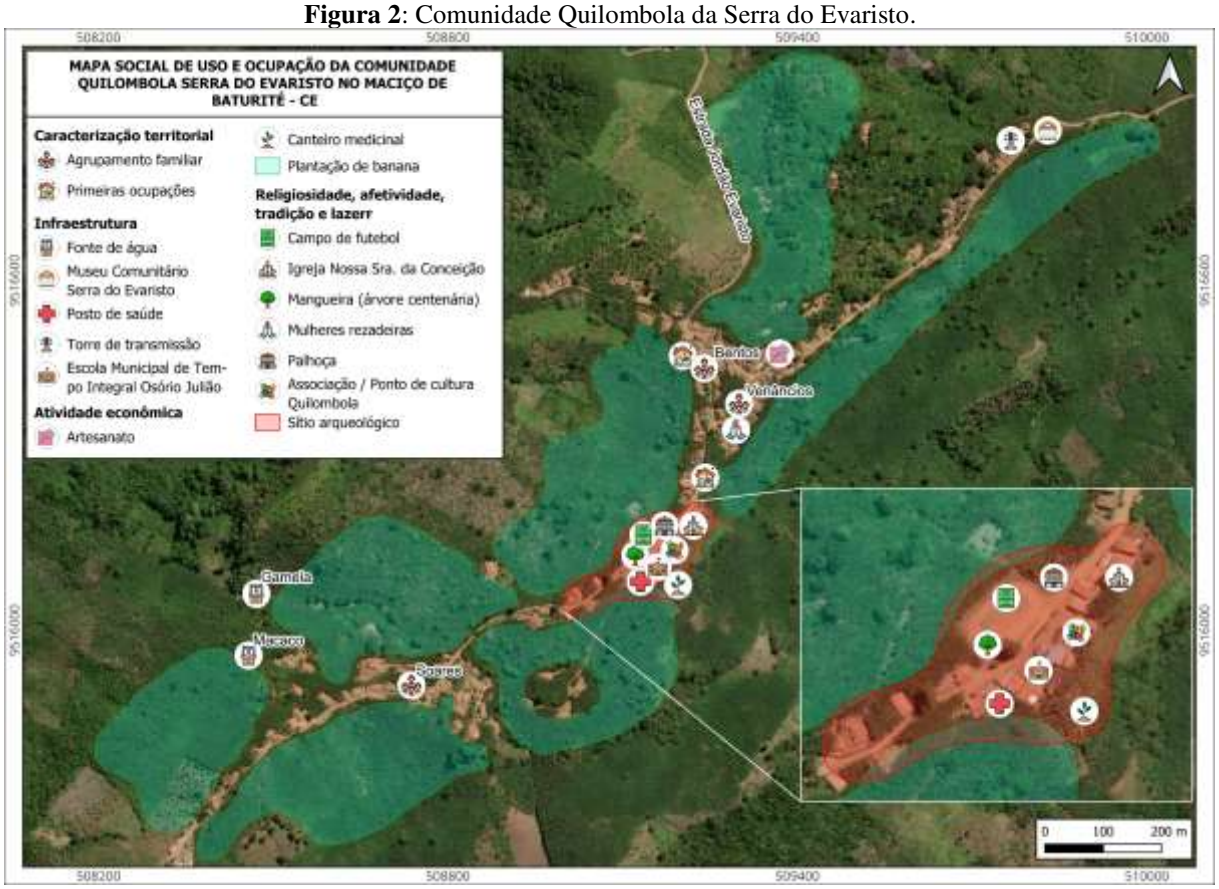
O processo de elaboração do mapa social evidenciou as diferentes formas de uso e

CC BY

ocupação do território da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo. Os participantes demonstraram familiaridade com a metodologia por já terem participado de atividades semelhantes, o que facilitou o processo coletivo de mapeamento. Os elementos indicados no mapa relacionam-se fortemente a aspectos culturais, práticas econômicas e formas tradicionais de manejo territorial (Figura 2).

Figura 2: Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo

Figura 2: Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo.



Fonte: Autoria própria.

Além da cartografia e do diagnóstico situacional, os participantes também construíram um prognóstico propositivo, abordando temas relevantes para o bem-estar da comunidade. Essa etapa promoveu a reflexão crítica e o diálogo sobre necessidades individuais e coletivas,

CC BY

configurando um indicativo das demandas e aspirações que condicionam uma melhoria na qualidade de vida local.

A segunda oficina na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, realizada em 17 de maio de 2024, teve como objetivo validar os dados previamente construídos e aprofundar a identificação de oportunidades estratégicas para a melhoria das condições de vida no território. A atividade teve início com uma breve contextualização do estado atual do ZEEM, realizada pela equipe técnica. Em seguida, foram apresentados os procedimentos metodológicos da validação, iniciando-se com a revisão e correção dos quadros produzidos a partir da matriz SWOT.

Na etapa seguinte, procedeu-se a validação e correção do mapa social. Buscando uma representação mais precisa do território, foram feitos ajustes relacionados à dinâmica de ocupação, às práticas socioculturais e ao histórico da comunidade. Esse processo fortaleceu o reconhecimento comunitário sobre o território e reafirmou a importância da cartografia social como instrumento de valorização da memória, da identidade e das lutas coletivas.

A oficina de Cartografia Social realizada na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo contou com a participação de 14 moradores da própria comunidade, sendo 08 mulheres e 06 homens. Dentre os participantes, 14,2% (02 pessoas) tinham entre 16 e 29 anos, cerca de 57,2% (08 pessoas) tinham entre 30 e 50 anos e 28,8% (04 pessoas) tinham entre 51 e 70 anos.

Quanto à escolaridade, 04 participantes relataram ter concluído, estarem cursando ou terem interrompido o ensino fundamental; 05 declararam possuir ensino médio (completo ou incompleto); e 04 informaram estar cursando ou já ter concluído o ensino superior, conforme ilustrado na Figura 46.

No que se refere às ocupações, observou-se que 20% dos participantes (02 pessoas) eram estudantes; 50% (05 pessoas) atuavam no setor primário, com destaque para a agricultura; 20% (02 pessoas) estavam inseridos no setor terciário (professor(a) e servidor(a) pública); e 01 participante declarou-se aposentado.

3.1.2 Propostas comunitárias para a gestão e o futuro territorial

As oficinas de Cartografia Social realizadas na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo permitiram identificar, a partir da escuta ativa dos moradores, um conjunto significativo de potencialidades e desafios vivenciados no território. As informações colhidas foram sistematizadas a partir da metodologia SWOT, possibilitando a compreensão das forças,

CC BY

fraquezas, oportunidades e ameaças que marcam a realidade comunitária.

Entre as principais potencialidades, destaca-se a forte valorização da ancestralidade, cultura e tradições quilombolas. A religiosidade ocupa um lugar central na vida comunitária, sendo considerada uma força agregadora e mobilizadora. Essa espiritualidade, vivenciada por meio de práticas como a dança de São Gonçalo e o fortalecimento de grupos culturais, é vista como elemento fundamental de resistência e coesão social. A atuação de coletivos como os Guardiões da Memória e os Tambores da Resistência, além do Grupo de Jovens Unidos Venceremos, demonstra uma dinâmica cultural viva, que contribui para a afirmação da identidade quilombola e a mobilização política do território.

A área da educação também se apresenta como uma força importante. Jovens da comunidade vêm acessando o ensino superior em instituições públicas como a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE), revelando um avanço importante em termos de inclusão, formação crítica e atuação profissional dos próprios moradores no território. Além disso, parcerias estabelecidas com instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), bem como a participação de representantes da comunidade na Comissão Interinstitucional de Educação Estadual Quilombola (CIEQ), indicam um protagonismo local na construção de políticas educacionais. A relação colaborativa entre a escola e a comunidade tem fortalecido as práticas de educação escolar quilombola, impulsionando a produção de materiais pedagógicos contextualizados e a luta por melhorias na estrutura física da escola.

No campo da infraestrutura, apesar dos desafios existentes, a comunidade dispõe de alguns equipamentos fundamentais, como a Escola Municipal de Tempo Integral Osório Julião, o posto de saúde, as cisternas e o Ponto de Cultura Quilombola da Serra do Evaristo. Este último tem funcionado como espaço de encontros, articulação política e fortalecimento cultural, sendo compreendido pelos moradores como um espaço de decisão coletiva.

A agricultura é outra base importante da vida comunitária, com destaque para a produção de banana, principal fonte de renda, além do cultivo de milho, feijão e fava. A estrutura coletiva da Associação CKQEvaristo, que conta com caminhão e trator próprios para uso comum, demonstra a capacidade organizativa da comunidade. A existência da casa de sementes e da Fazenda Manos Kolping revela um esforço contínuo de preservação e

CC BY

diversificação da produção agrícola.

O turismo comunitário também desponta como uma oportunidade estratégica para o território, ancorado no Museu Comunitário da Serra do Evaristo, no sítio arqueológico e nas parcerias estabelecidas com o SEBRAE. Trata-se de uma alternativa econômica que valoriza a memória e os saberes locais, promovendo o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento identitário.

No entanto, apesar das diversas potencialidades, a comunidade enfrenta importantes fragilidades e ameaças. A precariedade da infraestrutura básica é um problema recorrente. A falta de manutenção da rede elétrica, a ausência de atendimento odontológico na Unidade Básica de Saúde, as dificuldades no abastecimento de água – ainda dependente do carro-pipa – e a falta de conservação das estradas comprometem o bem-estar e a mobilidade da população.

A preservação ambiental também é uma preocupação crescente, dada a ausência de delimitação legal clara para as áreas de proteção e a fragilidade das políticas de conservação das nascentes e do sítio arqueológico. Esse cenário, além de afetar os recursos naturais essenciais à reprodução da vida no território, compromete a sustentabilidade de longo prazo da comunidade.

Do ponto de vista sociocultural, observa-se um desafio relacionado ao sentimento de pertencimento quilombola. O baixo número de famílias associadas à organização comunitária e a presença de pessoas que não se identificam com a identidade quilombola refletem tensões internas e possíveis efeitos do racismo estrutural. Esse cenário se agrava diante da ausência ou má atuação do poder público, frequentemente marcada por perseguições políticas e disputas ideológicas locais, especialmente no contexto de divergências com grupos religiosos conservadores presentes na região.

Assim, o conjunto das informações analisadas revela um território de intensa vitalidade cultural, organizativa e educativa, mas que ainda enfrenta barreiras estruturais e institucionais significativas. A consolidação de políticas públicas específicas, o fortalecimento das redes de apoio e a valorização da identidade quilombola são caminhos fundamentais para garantir a permanência e o fortalecimento da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo em seu território.

Considerações finais

As oficinas de Cartografia Social realizadas na Comunidade Quilombola da Serra do

CC BY

Evaristo, no âmbito do processo de construção participativa do Zoneamento Ecológico-Econômico do Maciço de Baturité (ZEEM), revelaram a potência do território enquanto espaço de resistência, organização e construção coletiva de saberes. A experiência metodológica adotada, que combinou a produção do mapa social com a elaboração de uma matriz SWOT, permitiu à comunidade expressar de forma clara e autônoma sua percepção sobre o território, suas dinâmicas, potencialidades e desafios.

O território da Serra do Evaristo se destaca por sua profunda conexão com os valores ancestrais, culturais e espirituais que estruturam a vida comunitária. A religiosidade, a prática de manifestações culturais tradicionais e a presença de coletivos organizados demonstram a existência de um tecido social fortalecido, sustentado pela solidariedade e pela luta por direitos. Essa dimensão simbólica e política da vida comunitária é reconhecida como elemento central na mobilização por melhorias e na resistência frente às ameaças que incidem sobre o território.

Os avanços na área da educação, com o acesso crescente de jovens ao ensino superior e a articulação da comunidade com instituições de ensino e pesquisa, representam conquistas relevantes e estratégicas. Elas indicam não apenas um processo de formação de lideranças locais, mas também a construção de uma base crítica para a consolidação da educação escolar quilombola, ancorada nos princípios da autonomia, da identidade e da justiça social.

No entanto, é preciso reconhecer que a comunidade enfrenta desafios importantes, especialmente no que tange à infraestrutura básica, à garantia de direitos sociais e à proteção ambiental. A ausência de políticas públicas eficazes, a precariedade dos serviços essenciais, a insuficiência no abastecimento de água e a vulnerabilidade das áreas de preservação refletem a negligência histórica do poder público frente às comunidades tradicionais. Além disso, o enfraquecimento do sentimento de pertencimento quilombola em parte da população e as tensões políticas internas demonstram a necessidade de estratégias contínuas de fortalecimento identitário e de coesão social.

Neste sentido, os resultados das oficinas apontam para a urgência de políticas intersetoriais que promovam o desenvolvimento territorial com base no protagonismo comunitário, no reconhecimento dos saberes tradicionais e na efetiva participação social nos processos decisórios. O ZEEM, ao incorporar os instrumentos da Cartografia Social, se afirma como uma ferramenta que valoriza as vozes dos povos tradicionais e promove a construção de diagnósticos e prognósticos enraizados na realidade vivida.

Portanto, é fundamental que as diretrizes de ordenamento territorial decorrentes do

CC BY

zoneamento considerem os aportes gerados neste processo participativo, reconhecendo a Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo não apenas como sujeito de direitos, mas como agente ativo na formulação de soluções territoriais sustentáveis, justas e inclusivas.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Cientista-Chefe Meio Ambiente, por meio do projeto intitulado "Estratégias Conservacionistas e de Desenvolvimento Sustentável em Áreas Prioritárias para Conservação no Ceará", à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), à Secretaria do Meio Ambiente e Mudança do Clima (SEMA) do Ceará e Associação CKQEvaristo.

Referências

ALMEIDA, A. W. B. *et. al.* **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia** (PNCSA). Disponível em: http://novacartografiasocial.com.br/. Acesso em: 10 out. 2022.

BRAGA, Elza Maria Franco. **Olhares sobre a comunidade Quilombola Serra do Evaristo:** trajetórias, descobertas e construções identitárias. Fortaleza: Expressões Gráfica e Editora, 2021.

BRASIL**, Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm. Acesso em: 06 dez. 2022.

BRASIL, **Lei n° 4.297 de 10 de julho de 2002.** Regulamenta o art. 9°, do inciso II, da Lei n° 6.938 de 31 de agosto de 1981, estabelecendo critérios para o Zoneamento Ecológico-Econômico do Brasil, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4297.htm. Acesso em: 06 dez. 2022.

CHERMONT, Luciana D'Almeida. 37° Encontro Anual da Anpocs, 2013. Águas de Lindóia. **Identidade e dinâmicas territorias**: uma etnografia na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo. São Paulo: 2013. 23 p.

FARIAS, José Aírton de. **História do Ceará**: Fortaleza, ed. Livro técnico, 2007. 2ªedição.

FLANNERY, W. *et al*. Exclusion and non-participation in Marine Spatial Planning. **Marine Policy**, [s. l.], v. 88, p. 32-40, 2018. https://doi.org/10.1016/j.marpol. 2017.11.001

GOHN, M.G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas públicas. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 13, n.2, 2004.

CC BY

GOMES, Aldanizio Soares. **Quilombo e educação:** diálogos e interlocuções na escola e comunidade quilombola da serra do evaristo baturité/ce. 2016. 59 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Especialização em Educação e Relações Raciais, Uniafro - Política de Igualdade Racial, Universidade de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, Redenção, 2016.

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, Antonio Jeovah de Andrade; SILVA, Edson Vicente da (org.). **Cartografia Social e Cidadania**: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas tradicionais. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015.

GREGOLIN, J. A. R.; HOFFMANN, W. A. M.; FARIA, L. I. L. Aspectos metodológicos da prospecção tecnológica para a pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade. In: SOUZA, C. M.; HAYASHI, M. C. P. I. (Orgs.). **Ciência, Tecnologia e Sociedade**: enfoques teóricos e aplicados. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008. p. 89-112.

HAYASHI, M. C. P. I.; R., C. C. D.; KERBAUY, M. T. M. Apresentação. In: HAYASHI, M. C. P. I.; RIGOLIN, C. C. D.; KERBAUY, M. T. M. (Orgs.). **Sociologia da Ciência**: contribuições ao campo CTS. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014. p. 7-12.

INNES, J. E.; BOOHER, D. E. Reframing public participation: strategies for the 21st century. **Planning Theory & Practice**, [s. l.], v. 5, ed. 4, p. 419-436, 2 out. 2007. DOI https://doi.org/10.1080/1464935042000293170.

JOLIVEAU, T. O lugar do mapa nas abordagens participativas. In: ACSELRAD, H. (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p. 13-43. ISBN 978-85-86136-04-7.

LEAL, Vinicius Barros. Conquista e Povoamento do Maciço de Baturité. Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**, 1972.

MACHADO, Cauê Fraga. **Ecos de um quilombo:** estética da re-existência na serra do evaristo. 2018. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PICKLES, J. Social and cultural cartographies and the spatial turn in social theory. **Journal of Historical Geography,** v. 25, n. 1, 1999.

SANCHEZ, Luiz Enrique (ed.). **Avaliação de impacto ambiental**: conceitos e métodos. 2. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

SILVA, Antonio Breno de O.; LIMA, Anna Erika Ferreira; PEREIRA, Gino; SAMPAIO, José Levi Furtado. Cartografia Social da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo-Baturité –

CE: um estudo de caso. **Revista**